

IP



Instituto
de Psicanálise
da Bahia



LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011



BA

Editorial

A psicanálise constitui uma combinação notável, pois abrange não apenas um método de pesquisa das neuroses, mas também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta. Posso começar dizendo que a psicanálise não é fruto da especulação, mas sim o resultado da experiência;... (FREUD, (1913[1911]), p. 225).

O boletim LAPSUS é formado a partir de um conjunto plural de textos que recebe para publicação e que tem como público alvo os praticantes do Instituto de Psicanálise da Bahia, alcançando também outros. Nessa diversidade de materiais, a equipe se deparou com uma questão atual e que certamente envolve um posicionamento ético e político: a publicação de vinhetas e/ou casos clínicos.

Recentemente, o meio acadêmico no Brasil também está passando por esta questão, onde os estudos que envolvem a apresentação de casos clínicos esbarram em impedimentos oriundos de solicitações dos Comitês de Ética em Pesquisa. Estes comitês exigem que os participantes (analisantes?) assinem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o material possa ser publicado. Esse termo é um documento no qual o humano que participa de uma pesquisa precisa declarar que está consciente dos riscos e que consente por livre e espontânea vontade estar aderindo à investigação.

Levando em consideração que os comitês de ética surgiram das práticas médicas e em cenário científico, pensar as produções psicanalíticas oriundas da prática clínica a partir desses termos certamente nos coloca diante de um impasse. O método de investigação psicanalítico fundado por Freud e dado continuidade por Lacan não se dissocia da escuta clínica. Essa escuta envolve o inconsciente, a transferência e o desejo do analista. Na psicanálise há esta especificidade, sua prática é considerada tratamento e método de pesquisa, simultaneamente, como marca Freud em seu texto “Sobre a Psicanálise” e citado no início deste editorial.

Lacan, em 1965, no seu texto “A ciência e a verdade”, ao lembrar Descartes com o seu cogito, marca um limite entre ciência e psicanálise relacionado ao conceito de verdade. Ele formula ainda a divisão experimentada pelo sujeito, como divisão entre saber e verdade.

Obviamente que seja importante a necessidade da implicância ética e da responsabilidade por parte daqueles que pretendem construir um saber consistente em todos os campos. Entretanto, estas justificativas não extinguem a existência das especificidades próprias dos diferentes campos, incluindo aí a psicanálise.

Dessa forma, como poderíamos pensar esse impasse, levando em consideração que a ciência incide sobre o indivíduo, um corpo biológico e a psicanálise sobre o sujeito do inconsciente, um corpo pulsional?

Finalizo o editorial com essa questão e marcando que a equipe do LAPSUS propõe discutir no caso-a-caso o material enviado que contenha vinheta e/ou caso clínico, como tem sido feito, levando em consideração o sigilo do sujeito e os meios de divulgação que o LAPSUS faz uso.

Nesta edição apresentamos o texto de Mariana Moura mostrando uma das interfaces da Psicanálise com o Direito; o trabalho de Paula Goulart sobre o estatuto do objeto *a* no *acting out* e na passagem ao ato e o texto de Mônica Hage aborda o caso de Wilker França trabalhado no Núcleo de Psicose. Júlia e Rogério na Janela Cultural fazem a discussão do filme *Um método Perigoso*. Não deixem de conferir nossa Janela Informativa para ver o que acontece no Instituto de psicanálise da Bahia. Finalizamos com a poesia *Antes do Nome* de Adélia Prado.

Boa leitura!

Wilker França

SUMÁRIO

EDITORIAL

Wilker França 1

TEXTOS

A Lei no Século XXI. 3

Mariana T. S. Moura

Libra de carne ou resto descartável: o estatuto do objeto *a* no *acting out* e na passagem ao ato.

Paula Goulart

Caso “G” . 6

Mônica Hage

JANELAS DO LAPSUS

Janela Cultural 8

Rogério Barros - Júlia Solano

Janela Informativa 9

Ethel F. Poll

POESIA 14

Antes do nome

Adélia Prado

A Lei no Século XXI

Mariana T. S. Moura

No âmbito das atividades do *VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)*, acompanhamos Véronique Voruz em seu texto “LEI”, publicado no *Scilicet – A Ordem Simbólica no Século XXI* – para refletir sobre *A Lei no Século XXI*, situando o tema entre a Psicanálise e o Direito.

Para a Psicanálise, sabemos desde Freud, há uma diferença entre a Lei e as leis; a Psicanálise não é normativa, não se propõe a promover a adaptação do sujeito às normas ou às leis da sociedade. Neste contexto, Miller (2003) anuncia um declínio da Lei em prol da Norma. Na sociedade

contemporânea, globalizada e multifacetada, não há mais espaço para o Universal. O singular impera; os Estatutos, do idoso, da criança e do adolescente, entre outros que tratam também sobre as minorias, demonstram que a lei simbólica não consegue abraçar e conter a multiplicidade de gozos que se efetuam sob o comando capitalista o que, obviamente, não quer dizer que as leis perderam seu valor, mas que sob a forma de normas, precisam levar em consideração o singular.

No que concerne ao Direito, é preciso lembrar que a lei, produção do Estado, é oriunda tanto do Poder Legislativo como do Poder Judiciário. A partir daí se elabora o Ordenamento Jurídico, mecanismo decisório dos litígios que chegam ao Estado, pela porta do Judiciário, o qual se utiliza de leis (Legislativo) para decidir. A partir daí começam a surgir algumas questões paradoxais: a lei ao ser fonte do Direito para o Judiciário serve de parâmetro para a responsabilização do sujeito, bem como, de forma crítica, a uma desresponsabilização dos sujeitos que com esse intuito a buscam. Quiçá seja esse o elemento de intercessão entre a Psicanálise e o Direito: a responsabilização do sujeito diante da Lei/lei. Neste contexto, é possível

questionar-se: Qual o papel do Judiciário? Aplicador da lei para a responsabilização dos sujeitos ou mecanismo de desresponsabilização? Daí o estudo interdisciplinar entre a Psicanálise e o Direito, partindo do caráter universal para a singularidade das situações que envolvem o sujeito.

A questão é muito complexa, entretanto, algumas diretrizes podem ser traçadas pelo Direito no Brasil, a exemplo do ocorrido no final do século passado na Europa, quando Teóricos do Direito como Robert Alèxy e Ronald Dworking, trazem uma nova hermenêutica que se opõe a uma aplicação do Direito legalista, e propondo que as decisões considerem o caso concreto como parâmetro de interpretação e aplicação do Direito. Tais autores, chamados pós-positivistas – pois ainda se aplica a relação entre SER e DEVER SER que norteia o ordenamento jurídico –, consideram o necessário caráter universal da lei, mas se atém à particularidade do caso concreto, buscando-se a singularidade que o marca e, neste sentido, profere-se a sentença judicial.

REFERÊNCIAS

- VORUZ, Véronique. *Scillicet, Lei. In: Scillicet: A Ordem Simbólica no Século XXI*, 2011.
- MILLER, Jacques-Alain. *A era do homem sem qualidades. In: Opção*

Lacanianana *On line*, nº. 1, mar, 2003.

<http://www.opcaolacanianana.com.br>,

Disponível

em

acesso em 21/03/2012.

Libra de carne ou resto descartável: o estatuto do objeto *a* no *acting out* e na passagem ao ato

Paula Goulart

Neste artigo trataremos do estatuto do objeto *a* enquanto causa de desejo ou objeto de gozo como aspecto diferencial, no caso de um encontro faltoso do sujeito com o real, na identificação de uma resposta sob a forma de *acting out* ou de passagem ao ato.

Lacan, em seu seminário A Angústia, ressalta que no *acting out* o sujeito se dirige ao Outro, armando uma cena que contém um apelo de interpretação; enquanto que na passagem ao ato, rompe com o Outro, retirando-se da cena enquanto sujeito e caindo fora dela, como objeto recusado.

O *acting out* se constitui como uma conduta demonstrativa por parte do sujeito. Ele se oferece como objeto ao olhar daquele que é ao mesmo tempo seu semelhante e o Outro a quem ele dirige um apelo de interpretação. Nessa forma de ato o sujeito, ao se oferecer como objeto na cena armada, também

evidencia estar posicionado enquanto objeto *a* na sua versão objeto causa de desejo.

Miller, em 2005, ao comentar o seminário A Angústia, argumenta que nessa mostraçãõ só podemos encontrar o objeto *a* lateralmente, visto que ele aparece velado pela cena armada. Essa forma de ato, por se caracterizar como um apelo de interpretação se articula à vertente simbólica e essa articulação se faz velada pela fantasia do sujeito.

Ainda no seminário A Angústia, Lacan toma como empréstimo da comédia shakespeariana ‘O mercador de Veneza’ a ideia da libra de carne e utiliza-a como metáfora do signo do *acting out*. Nessa comédia, a libra aparece em cena como o valor a ser pago pelo mercador caso não este não consiga honrar o débito de um empréstimo contraído com um agiota judeu.

Como na comédia, a libra de carne no *acting out* surge apenas como presentificação de um objeto inacessível, remetendo lateralmente ao lugar do objeto *a* enquanto causa de desejo e apontando para uma enunciação verbal substituída pelo ato. Mesmo com a mostração do objeto revelada na cena armada pelo sujeito, seu lugar resta vazio, pois ele sobe à cena velado pela verdade da fantasia. O que aproxima a situação do sujeito do inconsciente com a do judeu da comédia, ele tem direito a carne do devedor, mas não pode tê-la nas mãos por conta das palavras com as quais escreveu o contrato da dívida.

Na passagem ao ato, Lacan apresenta uma articulação diretamente oposta ao que se engendra no *acting out*, visto que a passagem ao ato exclui

a cadeia significante em virtude do rompimento que o sujeito faz com o Outro. Aqui o sujeito, ao se deparar com uma intensidade de angústia que não consegue suportar, se identifica mortalmente ao objeto enquanto objeto de gozo, e, ocupando lugar de resto, acaba por evadir-se da cena ao modo de um ‘não querer saber de mais nada’ radical. A passagem ao ato, devido à exclusão da vertente simbólica, deixa o sujeito em relação direta com o real, orientado pela pulsão de morte.

O objeto *a* pode adquirir diferentes estatutos possibilitando que um mesmo sujeito presente em sua conduta as duas formas de ato, como encontramos no exemplo freudiano da jovem homossexual.

O Caso “G”

Mônica Hage

No dia 11/04/12 o Núcleo de Psicose contou com a apresentação de Wilker França, que nos trouxe um caso clínico atendido por ele, durante 6 meses, no Programa da Residência de

Psicologia Clínica e Saúde Mental, no Hospital Juliano Moreira.

O caso G. é de um homem de 49 anos, que apresenta uma relação com a Instituição um tanto particular: “tenho

mais de vinte anos de loucura”. Internado várias vezes, mora próximo à Instituição. Coloca-se como objeto de conhecimento para o praticante: “eu espero lhe trazer muitos conhecimentos sobre a loucura”.

G. mantém uma relação com um garoto de programa há dez anos, que o maltrata, o xinga e rouba-lhe objetos para trocar por drogas. Apesar de ter sua vida colocada em risco, diz sentir-se útil por achar que pode ajudar o garoto. Sente-se culpado por ter iniciado esta relação com uma pessoa ainda tão jovem. Sempre serviu a terceiros, gostando de garotos mais jovens e em sua maioria meninos que fazem uso abusivo de drogas. Fala pouco de seu romance familiar. Conta algumas histórias referentes às bebedeiras do pai e do sofrimento da mãe que, segundo ele, contava que não gostava de fazer sexo com seu pai, fazendo só para agradá-lo.

A questão do diagnóstico diferencial Neurose/Psicose foi amplamente discutida no Núcleo. A aposta inicial do praticante numa estrutura neurótica, deu-se em função da culpa que o paciente apresentava por estar com um garoto de programa e se perguntar o porquê de agir daquela forma.

A partir da falta de dialetização no discurso do paciente, a hipótese de psicose foi, em seguida, levantada por Wilker fazendo uma referência à primeira clínica de Lacan (o paradigma Schreber). Nesse momento do ensino de Lacan, o tratamento da psicose tem como direção a construção da metáfora paterna no lugar da forclusão do Nome-do-Pai.

No entanto, se pensarmos o caso a partir da segunda clínica de Lacan, não se trata prioritariamente de definir a estrutura em questão, mas sim de saber como cada sujeito lida com a forclusão, que é generalizada, e de perguntar qual é a solução estabilizadora e o modo de gozo singular de cada sujeito. No caso em questão, podemos pensar que, possivelmente, esse “lugar de útil” para os outros poderia funcionar como uma solução estabilizadora.

Apesar da falta de fenômenos elementares, Jordan aponta alguns índices que nos ajudam no diagnóstico de psicose, e que podemos observar neste caso: o paciente coloca-se como objeto do Outro; assume uma posição erotômana, enquanto objeto de gozo; observa-se uma ausência do Édipo, já que não há a fantasia edípica, e um empuxo à mulher.

Outro ponto também discutido, trazido por Marta Inês, foi a possibilidade de uma perversão, já que se observa no caso uma relação masoquista, quando G. fica muito à vontade submetido aos garotos de programa, não evidenciando qualquer sofrimento. Pelo contrário, mantém-se nessas relações sendo útil aos garotos. G. também diz gostar de escutar, mesmo sentindo uma mistura de dor e imenso prazer, o garoto de programa relatar cada detalhe de suas aventuras sexuais na noite com alguns clientes.

Expressa, ainda, desejos sexuais pelo praticante e, quando precisa ser encaminhado a outro praticante, diz não querer ser atendido por mulheres.

Finalizamos a discussão destacando que se, por um lado, precisamos do diagnóstico diferencial para nos guiar na direção do tratamento, por outro, devemos estar atentos à singularidade de cada caso.

JANELAS DO LAPSUS

Janela Cultural

Julia Solano e Rogério Barros

Um Método Perigoso

Sabina (Keira Knightley) é russa, judia e sofre de histeria. No início do século 20, ela é enviada para Zurique, onde é tratada por Jung (Michael Fassbender). Apesar de ainda não conhecer Freud (Viggo Mortensen) pessoalmente, Jung trata Sabina orientando-se pelo método analítico proposto pelo criador da psicanálise. A partir daí, os dois pensadores se encontram e dão início a uma ativa troca de correspondências e experiências, através da qual, aos

poucos, acentuam-se as diferenças entre eles.

O olhar do diretor (David Cronenberg) parece em alguns momentos favorecer a postura ética, firme e pioneira de Freud, já em outros momentos, parece tender a favor de Jung e de seu ineditismo em propor uma psicologia que transcenderia o inconsciente e se apoiaria em conceitos ligados ao misticismo. Enfim, esse olhar ambivalente do diretor, é sem dúvida, provocador e suscita interrogações por

parte do espectador, que sai do filme tendo que elaborar suas próprias opiniões a respeito das divergências entre os pensadores.

Um ponto que merece atenção mais cuidadosa é a questão da transferência erótica que parece ser um ponto central da narrativa. Freud conceitualiza a transferência ao afirmar que “transferências são reedições, reduções das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico.”

transferencial? Este é um dos questionamentos levantados pelo diretor e protagonizados no filme por Freud e Jung. Vale a pena conferir.

A transferência, portanto, é fundamental na direção da cura, no entanto, em alguns momentos, manifesta-se como resistência. A transferência erótica é umas das facetas de manifestação da transferência como resistência por parte do paciente.

Freud, em relação ao tema, recomenda ao analista reconhecer o apaixonamento do paciente como um elemento a mais a ser interpretado e manejado na condução do tratamento. Mas, até onde vão estes limites entre o paciente e o analista na relação

Janela Informativa

Ethel F. Poll

NÚCLEO PSICANÁLISE E DIREITO

Tema: A Lei no Século XXI

Linhas de investigação: 1 - O Pai e Lei, 2 - O Declínio da Função Paterna, 3 - Culpabilidade/Responsabilidade na Ordem Simbólica do Século XXI, 4 - A

Família e a Lei no Século XXI , 5 - Os Fora da Lei

Coordenação: Lucy de Castro

Horário: quarta-feira, das 18h30 às 20h00 (quinzenalmente)

SEÇÃO CLÍNICA

Teoria da Clínica – comentários
teóricos sobre material clínico

Datas: 09 agosto -13 setembro

Coordenação – Bernardino Horne

Horário: quinta-feira, das 20h00 às
21h30 (mensalmente – a partir de maio)

CURSO SUPLEMENTAR – SINTOMA

Módulos: Introdução ao tema: o
sintoma de Freud a Lacan // O sintoma
em Freud // O sintoma e sua relação com
a ISA// Clínica Borromeana: os nós –
Sintoma e Gozo

Coordenação: Bernardino Horne e
Analícea Calmon

Horário: terça-feira, das 19h00 às
21h00

Valor: 06 parcelas de R\$ 250,00 (à
vista 10% de desconto).

Início: 03 de abril de 2012

CURSOS BREVES

Coordenação: Sônia Vicente

Clínica Borromeana

Nieves Soria Dafunchio

Data: 27-28 de julho

Fobia e Síndrome do Pânico

Ana Lydia Santiago

Data: 24 -25 Agosto

A clínica da Psicose

Guilherme Bellaga

Data: 14 -15 setembro

Valor: R\$ 120 e R\$ 60,00 (para
participantes do IPB, alunos
especialização e praticantes CPCT)

ENCONTRO NOVA REDE CEREDA

Dando continuidade a uma série que foi iniciada nos Encontros Brasileiros, teremos no dia 22 de novembro, o 3º Encontro da NRCEREDA com o tema “A angústia e seus efeitos”.

Comissão organizadora: Cristina Vidigal – Fátima Sarmiento

Local: Hotel Pestana

Horário: das 08h30 às 15h30

Conferencista convidada: Cristina Drummond

Depoimento do Passe: Ana Lydia Santiago

Inscrições: Claudia Bandeira EBP

F: 3235-9020/ 3235-0080

Email ebpbahia@terra.com.br.

:

CONVERSAÇÃO DOS INSTITUTOS

No dia 22 de novembro de 2012
acontecerá a 4ª Conversação Clínica dos
Institutos do Campo Freudiano no
Brasil, que terá como tema “O fracasso

em psicanálise: no ensino, na pesquisa,
nas instituições e a diferença clínica”.

Comissão Organizadora: Analícea Calmon (coordenadora), Mario Nascimento e Paulo Gabrielli.
Consultor: Bernardino Horne
Local: Hotel Pestana

Horário: das 16h00 às 19h00.
Inscrições: Claudia Bandeira EBP
F: 3235-9020/ 3235-0080
Email ebpbahia@terra.com.br

III MANHÃ DE TRABALHOS DO CIEN BRASIL FURANDO ETIQUETAS – O traço da Política do CIEN

Local: Hotel Pestana - Salvador/Bahia
Data: 25 de novembro
Horário: 09h00 -13h00
Coordenação: Ana Martha Maia, Fernanda Otoni e Siglia C. De Sá Leão.

Apoio Local: Mônica hage
Convidado Internacional: Éric Laurent
Inscrições: Claudia Bandeira EBP
F: 3235-9020/ 3235-0080
Email ebpbahia@terra.com.br

CONVERSAÇÃO SOBRE O AUTISMO O AUTISMO HOJE E SEUS MAL-ENTENDIDOS.

Local: Hotel Pestana - Salvador/Bahia
Data: 25 de novembro
Horário: 15h00-17h00
Convidado Internacional: Éric Laurent
Inscrições: Claudia Bandeira EBP
F: 3235-9020/ 3235-0080

Email ebpbahia@terra.com.br



Até 31 de Julho

Profissionais da rede pública, estudantes de graduação e pós-graduação (até 26 anos) e alunos dos Institutos do Campo Freudiano.
R\$ 250,00
Membros e Aderentes da EBP, participantes e profissionais
R\$ 350,00

Até 30 de Outubro

Profissionais da rede pública, estudantes de graduação e pós-graduação (até 26 anos) e alunos dos Institutos do Campo Freudiano.
R\$ 270,00
Membros e Aderentes da EBP, participantes e profissionais
R\$ 380,00

A partir de 1º de Novembro

Profissionais da rede pública, estudantes de graduação e pós-graduação (até 26 anos) e alunos dos Institutos do Campo Freudiano.
R\$ 290,00

Membros e Aderentes da EBP,
participantes e profissionais
R\$ 400,00

1. Depósito em conta

Banco – Bradesco

Agência – 3072

Conta corrente – 79.541-0

Após depósito em conta corrente, enviar o comprovante com o nome completo do inscrito, telefone, e-mail e cópia do documento que justifique o desconto.

Opções de envio: Fax: (71) 3235-9020

e (71) 3235-0080 ou

E-mail: contato@mulheresdehoje.com.br

Dirija-se a secretaria e efetue sua inscrição.

O pagamento poderá ser parcelado com cheques pré-datados com o último vencimento até 30 de outubro de 2012.

3. Residentes no Exterior

Para os residentes fora do Brasil, enviar um e-mail para: pablosauce@hotmail.com

4. Pague Seguro

Site:

<http://www.mulheresdehoje.com.br>/Clicar em inscrições

2. Sessões e Delegações

Poesia

Antes do nome

Adélia Prado

"Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o "de", o "aliás",
o "o", o "porém" e o "que", esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror".

O poema pertence ao livro *Bagagem*

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela Equipe Lapsus antes publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com